



PROLETARIADO INTERNACIONAL

CORRESPONDENCIA PARA 'A Luta de Classe'

A Luta de Classe

Qualquer correspondência para 'A Luta de Classe' (cartas, colaboração, etc.) pode ser enviada para o seguinte endereço: MARCELO V. ARARA - CALLES SANTIAGO DE CHILE, 1028 - MONTEVIDEO (URUGUAY).

Orgão da Liga dos Comunistas Internacionalistas - S. B. da L. C. I. (Bolcheviques-Leninistas)

Ano IV - NUM. 20

Rio de Janeiro, Maio de 1935

Preço: 200 réis

Manifesto dos Comunistas Internacionalistas ao Proletariado Mundial

E' A VEZ DA FRANÇA! -- PELA QUARTA INTERNACIONAL!

Nós, representantes dos Comunistas Internacionalistas (Bolcheviques-Leninistas) da URSS, da Alemanha, da França, da Inglaterra, da Itália, da Espanha, da Holanda, da Bélgica, da Grécia, da Suíça, da Polónia, dos Estados Unidos, da América do Sul, da China e de um certo número de outros países, nós nos dirigimos a vós, proletários de todos os países, na hora de um imenso perigo histórico, com o seguinte apelo:

Depois da vitória de Hitler na Alemanha, depois do esmagamento do proletariado austríaco e os sangrentos combates nas ruas de Paris, tornou-se claro, até mesmo para os cegos, que os antigos métodos de luta, concebidos para uma evolução pacífica, estão completamente esgotados. Nada mais resta ao capitalismo em profanação do que esmagar o proletariado, destruir suas organizações, quebrar sua vontade, fazer dele um escravo do mundo. A burguesia não quer e não pode esperar à hora em que o proletariado possa obter o direito de mandatos parlamentares. A questão se resolverá pela força. O capital financeiro organiza e arma os bandos fascistas. O imperialismo não é um fenômeno italiano mas mundial. A gangrena da reação bárbara ganha um país após outro. Agora é a vez da França. O dia 6 de Fevereiro foi o primeiro ensaio do banditismo fascista. Na Inglaterra, os mesmos fenômenos estão se preparando. Na América, as condições para o fascismo não são menores do que na Europa.

QUE DEBEMOS MONSTRUOS!

O proletariado é a única classe criadora da sociedade contemporânea. Dêla depende toda a vida do país, sua economia e civilização. Com as massas semi-proletárias, de que está destinado a tornar-se o chefe, o proletariado constitui a maioria esmagadora da humanidade civilizada. É ele inspirado por um grande ideal social. Em todo o curso da história moderna, o de no. vo tentas últimas combates na Austria, ele mostrou que era capaz de dar provas de um grande heroísmo, de uma grande abnegação.

QUAL E' A CAUSA DIMOST

Ele si a questão que paraliza a consciência de cada operário. A resposta está escrita, com letras de fogo, sobre a própria consciência: a causa é a sua organização de direção. O proletariado é traído, desorganizado, e enfraquecido pelo seu vértice.

O erro principal recai sobre a social-democracia, sobre a Segunda Internacional. Enquanto se tratava apenas de pacíficas esmaramentas e arranjos parlamentares e sindicais, as massas operárias não percebiam que os seus estados-maiores não havia funcionários sem vida, antigos revolucionários, transformados em pequenos-burgueses, e finalmente porco traidores. Mesmo aqueles (Wels e Hilferding, Vandervelde e De Man, Leon Blum, Renaudel e Jouhaux, Lansberg, Renaudel e Jirin, Robert Grimm) e outros não muito mais a esquerda de pensar e de sentir os interesses burgueses, dos banqueiros,

dos jornalistas, dos professores, lo que a maneira de pensar e de sentir dos proletários, dos desempregados, dos camponeses pobres, dos jovens (simbolos que crescem nas ruas).

Uma pesada culpa, porém, recai sobre a Terceira Internacional, que chegou a elevar-se muito alto sobre a bandeira da Revolução de Outubro, mas que, calado de grau em grau, se transformou, do vanguarda da proletária revolucionária, que ora, em apêndice burocrático artificial. A I. C. stalinista dirigiu a revolução na China e levou-a a sua perda. A I. C. fez os operários revolucionários do mundo inteiro sair, em massa, dos sindicatos, e saiu a esquerda do proletariado e salvou, assim, a burocracia sindical conservadora do desamontoamento. A I. C. concluiu blocos com pacifistas burgueses isolados, parlamentares e reformistas, e recusa ações comuns nas organizações proletárias de massa.

A direção stalinista da I. C. dia ao proletariado mundial: "Hoje, abeira primeiro e sem condições o meu comando, não rompere a unidade de combate de suas filiais e sabotará a defesa contra o fascismo." Foi esta a política da seção mais poderosa da I. C., no correr dos anos de 1930 a 1932, -- a política do Partido Comunista alemão, e esta política foi o abar na vitória de Hitler. Na Austria, o Partido Comunista, devido a toda uma cadeia de crimes e de erros da I. C., -- por assim dizer, não pôde levantar a cabeça. Matim, atualmente, e apesar de todas essas trágicas lições, os partidos comunistas da França, da Inglaterra e dos outros países continuam a repetir ovelhamente a política criminal dos stalinistas alemães. Marcel Cachin, combinado com Leon Blum, dará inevitavelmente o mesmo resultado que deu Thaelmann combinado com Wels. Por isso, catástrofe, uma catástrofe completa, definitiva, espera os operários.

O fruto da grande Revolução de Outubro na Rússia, foi o Estado Soviético. Ele mostrou que forças e possibilidades se encerram no proletariado. O Estado Soviético continua sendo, hoje ainda, a carne de canhão, numa hora difícil nos conclamos todo operário honesto à defesa do Estado Soviético!

ONDE ESTA' ENTÃO A SAÍDA?

É preciso construir um novo partido e uma nova Internacional. Essas palavras ainda hoje são para muitos uma voz de "sectarismo" ou de "desespero". No entanto, a palavra de ordem da nova Internacional é ditada por toda a situação, não só na arena mundial como em cada país. Não há outra saída. Será possível, com efeito, reaguar e regenerar a social-de-

mocracia carlesista, a classe do pai, por crimes e traições, e a guerra e todos os acontecimentos da pós-guerra responderão a ela.

Não se pode esperar o melhor da Terceira Internacional. Nós, bolcheviques-leninistas, que não chamávamos outros Operários da esquerda, durante mais de dez anos (tantas vezes rejeitamos a recolocação no caminho de Hitler e de Lenin. Grandes acontecimentos, em todas as partes do mundo, confirmaram os nossos pontos de vista, e os nossos apêlos. Em 1932, as ideias conservadoras e os métodos mesquinhos de uma burocracia privilegiada mostraram-se mais potentes do que os princípios da história. Recusamos o apêndice de I. C. por meio das massas, é impossível, pois este apêndice já não depende das massas.

A SEGUNDA E A TERCEIRA INTERNACIONALIS ENTÃO

Atualmente, não é a nome a 3.ª Internacional quem organiza os movimentos internacionais. Ela não sabe mais do que obedecer ao caminho do proletariado. É preciso criar uma organização revolucionária, que corresponda ao caráter da nova época histórica e a suas tarefas. É preciso voltar a ser uma nova. É preciso construir um verdadeiro partido revolucionário em cada país e uma nova Internacional.

O operário que reflete não pode furta-se à lógica da ferro desta conclusão. Mas dia é assediado por toda sorte de dúvidas, que seções e grupos ainda bem vivos provocam. Um novo partido, isso significa uma nova causa. É que é necessário ao proletariado, antes de tudo, é unidade. É isto o argumento mais simples, pois vezes invocado pela linha de pensamento diante das grandes dificuldades.

Não é verdade, -- respondemos nós -- que o proletariado precisa da unidade pela unidade. É-lhe necessário a unidade revolucionária da luta de classes. Na Austria, qual todo o proletariado estava unido sob a bandeira de social-democracia; mas este partido enviava aos operários a capitulação, e não a luta. Os operários austríacos mostraram que pagam se bater. Com eles, bateu-se também, corajosamente, uma parte dos velhos checos. Mas a sua obediência de servidão recel sobre o partido em seu conjunto. A "unidade" oportunista provou ser o caminho da ruína. Na Bélgica, o partido de Vandervelde, de Man e Ceder, tem atrás de si a maioria da classe operária proletária. Mas que vale esta "unidade" si o antigo maior general do exército proletário, absolutamente corrompido, rasga diante do poder real, diante do bloco liberal, diante de todos os representantes do inimigo de classe? Na pequena Noruega, o partido oportunista dirigido pelo Transtam, que conseguiu nas últimas eleições 45% dos votos, repete todos os crimes da social-democracia austríaca, paralisando o proletariado e prepara assim o caminho do fascismo alemão. Querer uma unidade desta espécie significa querer a ruína e a despoção da classe operária.

para lutar implacavelmente contra a dominação burguesa; pela conquista total do poder, pela dissolução do proletariado, pelo Estado operário, pelos Estados Unidos Soviéticos da Europa, pela República Socialista Mundial.

A social-democracia está rotada corpo e alma ao regime burguês. A I. C. mostrou, pelos fatos, a sua incapacidade total de unir as massas para as tarefas revolucionárias. Resta ao proletariado, ou baixar para sempre a nuca sob um jugo de escravidão, mais pavoroso que o jugo da idade Média, ou forjar uma nova arma para a sua libertação revolucionária.

ONDE ESTA' A GARANTIA DE QUE A NOVA INTERNACIONAL NÃO NAUFRAGARA' TAMPOCO?

Miserável pergunta de filisteu! Na luta revolucionária não há nem pode haver garantias dadas de antemão. A classe operária sobe pelo degrau que ela mesma vai tallhando na rocha. Acontece às vezes, deia cair alguma degrau mais abaixo, acontece, de vezes, que o dinamite do adversário fãe saltar os degraus já preparados ou, então, este mesmo se esborroa porque foram feitos com material muito fraco. Depois de cada queda, é preciso reergue-se; após cada desastre é preciso tornar a subir. É preciso substituir cada degrau destruído por dois novos degraus.

A garantia do sucesso -- si se pôde falar em "garantias" -- está no fato de que estamos enriquecidos com a experiência da Segunda e da Terceira Internacionais, que antes de naufragarem, prestaram grandes serviços ao proletariado. Nós subimos aos ombros de homens predecessores. É esta a nossa grande vantagem.

Nós reunimos todos os que, desde agora, compreenderam o caráter dramático da política dos dois aparelhos burocráticos que sobreviveram. A justiça de nossos métodos, de nossos prognósticos e de nossas palavras de ordem está demonstrada, de modo irrefutável, por toda a marcha do desenvolvimento histórico dos dez últimos anos, isto é, do período de degeneração e de decomposição da Internacional Comunista.

Uma teoria, justa e uma política justa farão fatalmente conjunto e acobardar, por reunir, sob sua bandeira, a maioria do proletariado mundial. Só assim será forjada a unidade revolucionária.

Mas, nesta noite, ouvimos uma nova objeção, que é primeira vista, parece mais persuasiva: "A Quarta Internacional não se constituirá rapidamente, enquanto que a parte fascista avança, em todos os países, com as botas de aço legais. Será então tão a momento para criar as filiais operárias?" A esta respondemos: para a criação das filiais, não há que esperar. Existe a política leninista de frente única. Foi só devido graças a essa justa aplicação desta política que o bolchevismo venceu, em Outubro de 1917. Marx e Lenin não tiveram medo de fundir os partidos burocráticos e oportunistas, reunindo os revolucionários revolucionários em um partido independente, no partido da vanguarda. -- e, ao mesmo tempo, Marx e Lenin estavam sempre pública, na defesa dos interesses revolucionários do proletariado, a favor acordos práticos com qualquer organização de massa. A so-

berdeira e a força do leninismo estavam na intrínseca teoria e política do partido, por um lado, e numa atitude realista para com a classe, com todas as suas organizações e todos os seus grupos, por outro lado.

O leninismo nunca tentou impedir de cima o seu comando ao proletariado, mas também nunca se dissoluiu na massa, -- e foi precisamente por isso que soube conquistar a direção do proletariado.

Sim, o fascismo avança agora no mundo luteio com botas de sete leguas. Mas em que consiste a sua força? Na desorientação das organizações operárias, no pânico da burocracia operária, na perfídia dos chefes. Bastaria que o proletariado de um só país oferecesse uma resistência implacável à canaça reacionária, e, passando à ofensiva, conquistasse o poder, para que a ofensiva do fascismo se transformasse numa derrocada pânica e em sua própria decomposição.

Entre a URSS e a França soviética, a ditadura dos nazistas não substituirá nem mesmo duas semanas; Mussolini não tardaria a seguir Hitler ao abismo. A resistência é possível e necessária; da defesa ativa haverá a ofensiva. É preciso acabar com as hesitações e deixar de lado os hesitantes. -- Não se juntarão a nós mais tarde, -- é preciso que a vanguarda de vanguarda corra, desde já, filitras na arena internacional. As massas, abaladas e alarmadas pelas calamidades e os perigos, esperam uma resposta e reclamam uma direção. Isto é preciso criar.

O MAIOR DOS PERIGOS E' O PERIGO DE UMA NOVA QUINRA!

Tudo mundo novo e ardo rumor subterráneo da nova criação dos povos que se aproxima. Os chefes da social-democracia e os burocratas medievais, na qualidade de perseguidos, isto é, de mercenários do imperialismo se preparam para serem de novo os fornecedores de carne de canhão para os seus patrões, os capitalistas. Sob a capa de "defesa da pátria" eles preparam a exterminio dos povos.

Durante esse tempo, a I. C. subverte a mobilização revolucionária das massas de cidade e do campo por gritos de injúrias variadas, e com ajuda de congressos de mascarada, tenta em vão esconder a sua impotência. Impedir uma nova guerra ou fazer com que as suas consequências recaiam sobre a cabeça dos exploradores, o proletariado só o pôde fazer se conseguir reagrupar, radicalmente, os seus filitras, em "nvas bases, sob a bandeira da nova Internacional.

Uma infima minoria, cheia de indecisão, pôde desempenhar, em condições de guerra, um papel de estivo. Lembremo-nos de Lukács, lembremo-nos de Rosa Luxemburg, lembremo-nos de Lenin!

Os miseráveis filitistas podem cair de novo "sectarismo". Preparar o futuro não é sectarismo, mas realismo revolucionário. Oferecemos a todos as organizações operárias um programa concreto e são na base de frente única proletária. Não colocamos a nossa direção central de leninismo. DEFESA ATIVA DO PROLETARIADO. A força e a força! A (Concluído na 4.ª pag.)

Ampla frente única de classe em 1.º de Maio de 1934

Reconquista da confiança da classe operária na sua vanguarda. O proletariado organizado repõe as formações políticas falidas e os chefes traidores. Grande demonstração de consciência de classe e antifascista.

Tendo sido anunciada pelas integrantes uma manifestação de Primeiro de Maio, a Frente Única Antifascista reuniu no dia 30 de Abril uma circular a todas as organizações sindicais de São Paulo, convidando-as para uma reunião em que se tratava da organização de uma reunião em praça pública, seguida de desfile pelas ruas da cidade, com a dupla finalidade de comemorar o Primeiro de Maio e de afirmar a regular do proletariado ao fascismo. A essa circular responderam afirmativamente quasi todas as organizações convidadas, inclusive o Sindicato dos Ferrovierários de Berochana, e encaminhou apenas os sindicatos esportivos da Federação Operária de São Paulo (a qual já anunciou uma reunião em família, dividindo assim o movimento, como é do seu hábito) e o Sindicato dos Alfaiates, o qual se absteve completamente das manifestações. Na reunião marcada, a Coligação dos Sindicatos Proletários de São Paulo adotava a proposta da F. U. A. e se colocava, assim como a sua consorte de Santos e com a adesão da F. U. A., à testa da manifestação.

O Sindicato dos Ferrovierários de Berochana não enviou representante à esta reunião, pelo Armando Laydner, deputado "de classe" e presidente daquele sindicato, veio imediatamente ao Rio, a mando da Intendência de São Paulo, para desviar da manifestação de 1.º de Maio a massa ferroviária de São Paulo, e conduzi-la para a chácara de uma burguesia importante, em Berochana, infra-estação, assim, em frente direta com a burguesia, os anarquistas e os stalinistas, e movimento em geral do comício. Apesar desses desvios, os trabalhos de organização prosseguiram normalmente, encaminhados para a Comissão Central de Organização, eleita democraticamente pelos representantes dos sindicatos aderentes e da F. U. A. que teve destacada atuação.

As pedras de lixar não foram reguamente pela Coligação dos Sindicatos Proletários de São Paulo, para a realização de comício em praça pública, concentração dos manifestantes e desfile pelas ruas centrais da cidade, o polícia de São Paulo, sob o pretexto de não ter sido a resposta, hesitando e encorajando-se atrás de vários pretextos burocráticos, não finalmente um despacho negativo: não permitia a realização do comício por não lhe ter sido regularizado o requerido. Os sindicatos, porém, apoiados na forte propaganda da comitê feita desde o início das tratativas do Comitê de Organização, responderam pela imprensa, ao pé da letra, e por meio da pressão da vontade da massa organizada a polícia — pela primeira vez em São Paulo — explicou-se pela imprensa sobre o despacho não favorável dando o requerimento. Este fato é importante para evidenciar a ação que o proletariado organizado tem sobre a burguesia.

Na entanto a polícia, mesmo constatando que a grande massa ferroviária já tinha sido desviada da manifestação, pela influência cabaladora do traidor Armando Laydner e dos anarquistas, não ousou proibir a realização do comício em local fechado.

Isso todo prejudicou a eficiência da propaganda da manifestação, e ainda a polícia dificultou também a escolha de um recato e que obrigou os manifestantes a acalarem a disposição do Pátio do Palácio das Indústrias.

A MANIFESTAÇÃO

Já muito antes da hora marcada, o pátio do Palácio das Indústrias estava transformado em praça de guerra. Secoristas, guardas-civis e cavalariacos, em quantidade, impediam a reunião de grupos no local. Os manifestantes, porém, iam entrando no Pátio das Indústrias, e às 12 horas o início a reunião, sob a presidência do Comitê Organizador.

OS ORADORES

O presidente da mesa foi, logo de início, uma declaração estabelecendo que a palavra seria dada somente aos oradores inscritos e a distribuição dos respectivos lugares, ficando que assim proceda-

afirma de evitar que elementos provocadores quisessem perturbar a palavra para causar confusão e dar lugar às costumeiras brutalidades policiais. Esta declaração foi aceita pela Assembleia sem qualquer interrupção.

Falaram em seguida os representantes dos diversos sindicatos: Síndico dos Contadores, dos Profissionais do Volante, dos Tecelões de São Paulo, dos Operários Barbeiros e Cabeleireiros, dos Empregados em Hotéis — que fora preso na noite anterior em companhia de quatro companheiros, por afirmarem o manifesto da convocação do comício, — o deputado Reichald, e representantes da Fed. Ferroviária de São Paulo, que aponta ao Partido Socialista, o deputado Laydner como traidor; os representantes do Partido Socialista, da F. U. A. do Sindicato dos Empregados do Comércio, da Liga dos Comunistas Internacionais, da União dos Trabalhadores Gráficos e do Sindicato dos Bancários.

PORQUE FOI NEGADA A PALAVRA AOS ORADORES NÃO INSCRITOS

As finalizar a reunião, foi negada a palavra a elementos que não se haviam inscrito na lista de oradores. Esse fato provocou alguns protestos, mas foi explicado satisfatoriamente a massa, que tal atitude houvera sido determinada pelo Comitê de Organização e estabelecida na declaração acima citada. Quanto aos elementos de outras organizações não aderentes ao comício, compreendemos que, tendo sido convidadas a trabalharem em prol da organização da manifestação e não tendo aceito nenhuma responsabilidade e nenhuma tarefa, não tinham direito de usar da palavra. O proletariado compreendeu que não deve ser ouvido a quem luta realmente pelo proletariado e que os miseráveis aproveitadores de seus esforços em prol da organização da classe, devem ser afastados da mesa.

Foi por esse fato que os stalinistas, que se negaram a qualquer cooperação na organização do comício, não obtiveram a palavra.

O DISCURSO DO REPRESENTANTE TANTE DA I. C. I.

O representante da Liga dos Comunistas Internacionais, que teve a palavra em virtude de estar a nossa organização coligada à Frente Única Antifascista, levantou veemente protesto de nosso partido contra a taxa de saldos, taxas, e medidas da polícia burguesa, que localizara a manifestação proletária de primeiro de Maio, e ainda como fazendo favor, naquela oportunidade, o Palácio das Indústrias, onde funcionava o "bordo do trabalho" que é o Departamento Estadual do Trabalho. Nosso representante passou em seguida a discorrer o fascismo, como forma de dominação capitalista, e como a organização da violência burguesa contra qualquer vontade de organização do proletariado como classe, o que coloca, para a classe operária, a necessidade de lutar intransigentemente pelas liberdades democráticas, lutando, assim, pela própria existência e desenvolvimento de suas organizações. Mostrou os perigos da força dominante fascista, arrastando a pequena-burguesia, os lumpem-proletários e mesmo certas camadas inconscientes do proletariado, para, organizados militarmente e mantidos pelo capital financeiro, ameaçarem de morte todas as organizações do proletariado. Relembrou as dolorosas e recentes derrotas do proletariado alemão e do proletariado austríaco, para mostrar a necessidade imperiosa e urgente da aplicação de uma política de fronteira do proletariado contra o fascismo, paralisando a sua expressão nacional e internacional. Fria que o proletariado deve lutar contra o fascismo, não simplesmente porque está sob um regime violento, mas, principalmente, pelo que ele contém de reação social.

que a luta contra o fascismo passa a ser caráter político e se torna uma realidade concreta.

Defendidos, por fim, a bandeira da Quarta Internacional, de que a nossa organização, a Liga dos Comunistas Internacionais (Bolscheviques-Leninistas), é aderente recíproca, e que, tomando o lugar abandonado pela Segunda e pela Terceira Internacional, conduzir o proletariado mundial às suas vitórias definitivas e alargará as fronteiras da pátria socialista a todo o mundo.

AS LIÇÕES DE 1.º DE MAIO

A grande significação do comício de Primeiro de Maio, convocado pela Frente Única Antifascista e pela Coligação dos Sindicatos Proletários de São Paulo, com a adesão de inúmeras organizações sindicais de diversas cidades do Interior do Estado, não reside apenas no fato de se ter podido realizar um comício comemorativo da data histórica do proletariado universal depois de três anos de impedimento por parte da polícia burguesa. A sua importância, se encontra, principalmente, no seu caráter, nos resultados positivos obtidos no sentido da unificação do movimento operário, na forma por que foi realizado e na qualidade e no número das organizações aderentes. Consideradas em conjunto todos esses elementos, o comício de 1.º de Maio constitui uma nova etapa no movimento proletário de São Paulo e, os nossos afirmá-lo, de todo o Brasil.

Em primeiro lugar, é necessário não se cingir ao exame superficial da manifestação em si mesma. Se nos limitarmos a isto, deveríamos reconhecer que o proletariado não conseguiu ainda realizar um dos seus diretos mais combatidos pela classe inteira, que é a conquista da rua, apesar de sua consciência parcial. Mas foi justamente a falta de uma organização e completa que impediu a conquista daquela reivindicação. No entanto, em Primeiro de Maio conseguiu-se colocar com clareza e resolver com eficiência a questão de saber quem impedia a quem auxilia a coação do proletariado como classe.

A resolução desta questão é o fruto mais importante surgido da arremetimento de forças proletárias em Primeiro de Maio. Depois dessa data, todo operário consciente pode responder, com pleno conhecimento de causa, que quem impedia a sua organização de classificar não são os romancistas anarquistas, o Partido Stalinista e os agentes da burguesia ao solo do proletariado (Armando Laydner e Cia.).

A RECONQUISTA DE UM ELEMENTO ESSENCIAL: A CONFIANÇA

O proletariado reagiu perante os acontecimentos de uma forma lógica. Não existindo justiça na orientação de sua vanguarda, eis recua, perde a confiança nas suas próprias forças, torna-se oportunista e sobretudo fatalista. Com a existência de uma vanguarda esclarecida e proveda na luta, o proletariado readquire a confiança em si mesmo e a luta com toda a plenitude de suas reivindicações. Tais as máximas como as máximas. Essas máximas elementares deve ser repetidas até à exaustão, agora que se tornou uma ideia clara e que a sua objetividade histórica adquiriu contornos nitidos.

De fato, o que impediu até agora o desenvolvimento de uma política de massa, foi, a par das condições históricas do país, a incapacidade absoluta das organizações que reclamavam o direito de conduzir o proletariado: o P. C. B. e os anarquistas. O P. C. B., segundo a linha contrária da I. C. Burocratizada teve de admitir, a despeito da toda evidência em contrário, os métodos ditados pelo alto Apilloga do Brasil e teoria a prática do socialismo, só restava ao P. C. B. abandonar o seu compromisso, abandonar a unidade ao sentido da organização de massa, que mesmo tempo que salvava, todas as condições de organização do proletariado como classe sob o pretexto de organização sindical "revo-

lucionária", os quais, na prática, auxiliaram a revolução... dividindo profundamente o proletariado. Diante de um processo de fortalecimento organizatório dos sindicatos, numa situação em que o dever da vanguarda proletária é o de se colocar à testa das organizações sindicais reconhecidas oficialmente, afim de impedir a formação de uma burocracia amarela (enjos iniciais já apareceu: Armando Laydner em São Paulo, os Stenops e Cia., no Rio, além da grande maioria dos deputados "de classe") que dificilmente seria esmagada (como nos mostra o exemplo do trade-unionismo na Inglaterra, os sindicatos de Hillquit-Thomson, nos Estados Unidos, Jouhaux na França, etc.) O P. C. B. os anarquistas limitaram-se a proclamar a própria revolução, a serem como a "quintessência" da defesa nos interesses do proletariado. Na prática, esse revolucionarismo abstrato e cego só tem auxiliado os amarelos a tornarem conta das direções sindicais. Anarquistas e stalinistas tornaram-se, por isso, os cúmplices mais diretos dos agentes da burguesia no solo do proletariado. Incapazes de realizar um trabalho crítico construtivo, pela ausência de uma ideia, fogia marxista, os stalinistas após ter transformado o marxismo e o leninismo em escamoteação e difusão de injúrias e delações políticas e após ter desmoralizado as organizações sindicais livres, desmantelaram o próprio partido. O seu sectarismo conduziu-os ao isolamento. O resultado foi a perda de toda a confiança da massa, de todo contato com ela. E, em Primeiro de Maio de 1934, com a confirmação disso, o P. C. B. não ousou lançar sequer um manifesto, não convocou sequer formalmente um comício, não pôde sequer ouvir a palavra num comício operário. O seu desparcamento foi definitivo. Só deve queixar-se de si mesmo, dos erros e desvios de seu sectarismo e de sua tração anarquista.

Tendo tido vergenhamos na Frente Antifascista, do Rio de Janeiro, em que esta era objeto da mais violenta reação policial (28 de Janeiro); nessa data a polícia, burguesa de Armando Salles de Oliveira mandava os seus boleguins atacar contra a vida de vários elementos antifascistas enquanto os stalinistas, numa significativa frente única com a polícia, distribuíam o seu infame manifesto em que declaravam denotar conscientemente da F. U. A.), os nacional-comunistas demarcavam-se assim perante o proletariado e as camadas proletarizadas da pequena burguesia, perdendo definitivamente as últimas linhas com a massa que lhes restavam. Nessa mesma época, o proletariado organizado de São Paulo constatava, pelos fatos, que a palavra de ordem da frente única era a única que podia levar a cabo a luta viturosa contra a reação burguesa, por mediante as suas próprias forças, reconhecendo que elas ainda não exigiam demais para comportar uma separação interna completa na ação da classe operária diante do fortalecimento da reação sob a forma fascista.

O proletariado reconheceu na Frente Única Antifascista a realização dessa unidade necessária ao ardo e na Liga dos Comunistas Internacionais, a garantia de sua combatividade, de sua perseverança e do seu sacrifício. Por isso, deposita o proletariado, agora, a sua confiança nestas organizações, embora ainda de uma maneira informal e condicionada nos momentos mais áperos da luta, quando se evidenciam, com maior clareza, a justiça da política bolschevique-leninista das comunistas internacionais. Mas esta confiança, ainda relativa e condicional, tende a desaparecer rapidamente, para dar lugar a uma confiança verdadeira. Prosseguindo na sua política realista a F. U. A. conseguiu reunir para uma manifestação de 1.º de Maio, o maior número de organizações dos proletários de que se tem notícia em São Paulo.

Em consequência do desenvolvimento da confiança da maioria operária organizada, para a sua verdadeira unificação, constituiu-se a responsabilidade da Frente Única de Maio com o seu uma nova etapa no movimento

operário de São Paulo e por reflexão, de todo o Brasil.

Ainda não se trata de massa, no sentido literal da palavra. Esta massa, que ainda está longe de estar organizada corporativamente, necessita de um longo trabalho de esboço para poder existir como tal, isto é, como a classe operária em conjunto. Trata-se agora, — e isto é o principal — da formação das organizações primárias do proletariado e de imprimir-lhes uma orientação revolucionária. As cabeças de ponte entre a vanguarda revolucionária ideologicamente mais firme e combativa da massa e esta foram construídas em 1.º de Maio de 1934. Isto constitui e segundo grande avanço no processo de educação política do proletariado, conseguida com o comício do Palácio das Indústrias.

DE QUE ELEMENTOS SE COMPOE A VANGUARDA, NESTA NOVA ETAPA?

De que elementos se compõe a vanguarda que realizou as manifestações de 1.º de Maio? Em primeiro lugar, dos elementos propriamente políticos que tomaram parte na manifestação — a Frente Única Antifascista em geral, e a Liga dos Comunistas Internacionais, em particular — e, em segundo lugar, das organizações sindicais burguesas sob o batido do Ministério do Trabalho. Parece, à primeira vista, contraditório ou duvidoso considerar como de vanguarda, os elementos dirigentes dos sindicatos oficializados. Si essa contradição existe, é ela profundamente dialética: os sindicatos oficializados agiram, na sua fração dirigente, em 1.º de Maio, com consciência de classe, porque a situação objetiva obrigou-os a abandonar ao desenvolvimento da luta de classes, ainda que, subjuntamente, do ponto de vista individual, não se possa afirmar que todas as direções dos sindicatos oficializados sejam constituídas de elementos revolucionários. A justificação de nossa posição da F. U. A. consiste em não dar crédito à forma revolucionária. A reação de forma subjetiva perante as condições objetivas. Essa constatação caracterizou pela apresentação de reivindicações justas e de palavras de ordem políticas mais adequadas ao momento, o que significa que se conseguiu demonstrar que, mesmo os sindicatos oficializados podem, sob uma direção correta, seguir uma linha política de classe. Quanto à forma, esta caracterizou-se pela constituição de uma verdadeira frente única não no dos partidos, como das organizações sindicais do proletariado; independentemente da ideologia e das linhas ideológicas de cada uma delas. Melhor fação de ação revolucionária de massa não se podia exigir. E o mérito dessa iniciativa cabe, ideologicamente, ao cerne do novo partido do proletariado, a seção brasileira da Liga Comunista Internacionalista.

ARMANDO LAYDNER E CIA.

Entre os elementos que se colocaram à frente das organizações sindicais, abandonadas pela liderança do P. C. B., incapaz de se orientar com justiça diante da nova situação criada pelo decreto N.º 19.770, existem numerosos chefes amarelos que conseguiram conquistar e, ainda hoje mantêm, a confiança da massa, apesar de suas trações vergonhosas e públicas. Entre eles, conta-se o mistificador Armando Laydner, "líder" corrupto e lacão do governo burguês.

Para compreender como se tornou possível, a estes sabotadores, continuar a sua ação divisionista no solo do proletariado, convém ainda repetir-nos que erros da sua anti-vanguarda. De fato, enquanto as direções amarelas anteriores comprometiam grandes movimentos ativos e a própria organização dos sindicatos ferrovierários, Armando Laydner se escondeu da nova organização do sindicato dos ferrovierários de Berochana. O fato de Armando Laydner passar os seus dias, nos dias de festa, com o seu filho, não é para, portanto, que a massa ferroviária compreenda que esse "líder" vivia apenas subir

sobre as contas dos operários, faz-se depredada, ganha prestígio junto ao governo burguês e ganhar dinheiro a custa das maiores tragédias. Para convencer os operários disso, precisa-se de uma política justa, dirigida com energia e clareza e não apenas limitadas a injúrias sem sentido. Nesta paritizar também a manifestação de 1.º de Maio alcançou o maior sucesso, pois que colocou com eficiência em foco o erro perante a massa; a denúncia de que o comício não se pode realizar em praça pública devido à divisão que Armando Laydner provocou, arrastando os sindicatos do sindicato de que é presidente para um pique-que se realizou em chácara pertencente a uma burguesia importante. E os efeitos ainda se fizeram sentir. Como é do domínio público, na Assembleia dos Ferrovários da Sorocaba, quando o deputado Laydner tentou derrubar a atual diretoria, que lhe é hostil, não o podendo fazer em virtude da criação de uma grande corrente, que dispôs de 1.º de Maio, compreendeu ser a atitude de seu deputado "de classe" a de um agente e lacão da burguesia.

LARGA FRENTE DE CLASSE

Mas, apesar da sabotagem ativa de Armando Laydner e dos stalinistas e anarquistas, o comício de Primeiro de Maio reuniu uma larga frente de classe. Desde os sindicatos mais puramente operários, como os tecelões, até os mais qualificadas, como os bancários, com exceção apenas dos alfaiates (não se sabe porque) e da Federação Operária, que preferiu, como é seu hábito, fazer uma comemoração em família, todas as corporações de São Paulo tomaram parte na organização do comício. Hierárquica pela organização dos Sindicatos, Protetores de São Paulo com o apoio da sua comissão de Santos, os laços dos partidos do proletariado representados pela Frente Única Antifascista. Em espírito de verdadeira solidariedade proletária uniu todas essas organizações. Sindicatos do interior deram a sua adesão, não apenas formalmente, mas mandando representantes que participaram ativamente de todos os trabalhos. Foi por isso que no comício de 1.º de Maio se pôde sentir a massa reunida no salão do Palácio das Indústrias, todas as questões fundamentais do proletariado, desde as suas reivindicações parciais e mínimas até as gerais e máximas, desde as econômicas até as políticas. Estas ocorreram, naturalmente, ao representante da Liga dos Comunistas Internacionais, na qualidade de verdadeira vanguarda organizada do proletariado revolucionário, armada com as tradições da experiência histórica do movimento comunista e bolchevista e com a aliança da teoria marxista.

A tarefa dos comunistas internacionais consiste em penetrar, em profundidade, em todas as organizações proletárias de massas. A criação de núcleos em cada um dos sindicatos existentes, sejam oficializados ou não, uma política de controle ativo, de crítica intelectual sobre as direções hegemônicas, uma atitude de sólida disciplina revolucionária e o emprego de todos os recursos em prol do fortalecimento organizatório de cada sindicato, independentemente das tendências ideológicas de suas direções, de separação resolute e rigorosa dos objetivos e tarefas parciais dos sindicatos, — organização de massa e conjunção — dos objetivos e tarefas do partido de classe, — organização política de vanguarda, — tais são as palavras de ordem da Liga dos Comunistas Internacionais aos seus militantes para a conquista da influência nas organizações operárias. A luta pela oficialização livre só pode ser levada avante, com êxito, se os elementos mais ativos dos sindicatos aplicarem com justiça os princípios marxistas consubstanciados por Lênin na "Muleta Infantil do Comunismo", que constituem a nossa plataforma de luta prática. As posições conquistadas em 1.º de Maio não podem ser perdidas porque não significam não apenas um retrocesso no desenvolvimento da Liga dos Comunistas Internacionais, mas, sobretudo efetivamente um retrocesso na luta geral do proletariado contra a burguesia.

O PROLETARIADO BARRA O CAMINHO A REACÇÃO FASCISTA E POLICIAL

As lutas da luta propriamente sindical, pelo reconhecimento e pela ligação dos sindicatos com a

massa, conduzida, sobretudo pela Coligação dos Sindicatos Proletários, a demonstração de Primeiro de Maio caracterizou-se principalmente pela significação política geral de luta pelas liberdades proletárias e de combate ao fascismo. O comício integralista ainda desta vez teve que recuar diante da frente única proletária. E a terceira vez que isto aconteceu. A última vez que tal sucedeu foi por ocasião do comício de 16 de Janeiro em que, após terem anunciado um desfile pela cidade, seguido de pogrom contra a vanguarda operária, os integralistas tiveram que recuar em tempo, diante da reação do proletariado que se preparou a enfrentá-lo, sob a bandeira da Frente Única Antifascista.

Seria uma injúria e um insulto desonrante para o proletariado, para as suas organizações de massa e de vanguarda, se a canibal integralista realizasse o seu intento, o no dia internacional dos trabalhadores, no dia mundialmente consagrado à luta de classe operária, desfilasse infamemente a nossa classe com o escarneo de sua presença nas ruas de São Paulo. A iniciativa da F. U. A., alertando o proletariado organizado, foi coroada de êxito. A Coligação dos Sindicatos Proletários em 600 horas compreendeu o alcance dessa manifestação e mobilizou os seus sindicatos para barrar o passo à escadocosa e escarrocadora pretensão dos integralistas.

No dia Primeiro de Maio nem um "canibal verde" ousou sair à rua! Transcaram-se no seu interior, amonenciados com a reação proletária, enquanto os chefes, os Filhos Salgados, Paranhos e outros Reales tremulos e verdes de pavor corriam pedir proteção à polícia, acorçados atrás das bilionárias, dos fuzis e dos cavalariáns da força pública. O aspecto das ruas e praças de Capital em 1.º de Maio era o de um campo de batalha. E esse, de fato, o aspecto real de uma verdadeira comemoração

Trotsky, soldado da Quarta Internacional, expulso da França pela reação!

Na passagem de Trotsky é a revolução proletária que é vizada

Na sexta semana que a imprensa francesa, a imprensa mais varo do mundo, mostra e quanto vale. Como se fosse sob o comando de uma palavra de ordem, geral e desencadeamento de calunias e de provocações contra Trotsky, contra a Liga Comunista, contra a Vértice e a IV Internacional nascendo.

Neste concerto de ódios se aliam a provocação política e programática e o furor contra-revolucionário. Em cima disso tudo, vêm acrescentar-se as infâmias repugnantes da Humanité e do senhor Halby. Os operários precisam conhecer a verdade, assim, sua indignação transbordará.

Todos os reporteres de Darnas e a maioria do Paris-Sole foram de vida autuosa, de "erisidos", de vida luxuosa. Os Argens de Humanité estão à frente para chafurdarem na lama. Os trabalhadores terão julgado a vida autuosa pelas fotografias: uma pequena casa, um pobre sbrico eventual a mais na vida tormentosa do camarada Trotsky.

Quanto a "erisidos", os revolucionários não conhecem isso. Com o nosso camarada Trotsky só vivem colaboradores que o ajudam nos seus trabalhos, levando uma vida toda movida e de devo-tamento. Na casa, só se ouvia o barulho da máquina de escrever, e não o do piano ou do rádio. O camarada Trotsky trabalhava em suas obras que necessitam de uma documentação abundante. Atualmente ele está escrevendo uma obra fundamental sobre Lênin, que deverá ser entregue aos editores em 1.º de Janeiro de 1933. Ela a que ficaram reduzidos os meritos e mal-disidências da imprensa de ocidental.

proletária nesse dia. Todas as organizações do Estado foram mobilizadas. O aparato militar foi completamente lançado. Apesar disso, o comício se realizou.

Destes fatos resultam duas conclusões que devem ser seriamente apreçadas pelos operários: 1.º) quando o proletariado se dá um frente única a reação fascista é obrigada a recuar; 2.º) a burguesia teme a frente única do proletariado porque compreende que a massa operária única representa uma formidável força potencial fulminante.

Essas conclusões estão intimamente ligadas à palavra de ordem de "frente única lançada internacionalmente pela Liga dos Comunistas Internacionais, e aqui levantada pelo seu representante

Dia virá em que a formidável massa trabalhadora desfilará pelas ruas, em 1.º de Maio, apesar de todas as mobilizações policiais e o aparato militar, esquadra e profundida pela sua militância, pela militância armada do proletariado.

Então a linguagem com que repletoremos os bandos do integralismo será a linguagem concisa e decisiva das armas. Entre o proletariado e o fascismo-integralismo não pode haver outra forma de entendimento e de organização.

A demonstração de 1.º de Maio foi, nesse sentido, apenas um ensaio parcial, uma simples escaramuça. Mas nessa primeira escaramuça dos postos avançados dos dois campos inimigos, o proletariado saiu vitorioso, impedindo que os integralistas saíssem à rua. A palavra de ordem da Liga dos Comunistas Internacionais a todas as organizações de vanguarda e a todos os elementos conciliados do proletariado, contra a reação fascista, é: manter firmemente a bandeira da F. U. A., organizar a Milícia Armada Operária, impedir que os integralistas jamais consigam a rua, mas (CONQUISTAR A RUA PARA O PROLETARIADO!

governo, que não admitiamos diante da chupona da imprensa fascista, que impuseram a imaginação das massas: avio aos estrangeiros que em "nossa terra" vivem se ocupando com a revolução.

Foi sobre um dos nossos que a reação quis desfechar um golpe decisivo no direito ao soldo. Foi contra a IV Internacional, contra a Liga Comunista, que a imprensa desonrou a sua fúria. Trotsky foi escolhido como alvo: seu nome continua sendo o símbolo da luta revolucionária. As montanhas de mentiras e falsificações stalinistas não podem pagar a história: foi ele o companheiro de Lênin, um dos organizadores da Revolução de Outubro, o criador do exército vermelho e o seu chefe na guerra e na vitória. Ele é um estrangeiro, e a vista — ao conhecimento de todo o mundo, é partidário inflexível das ideias de Marx e de Lênin, da IV Internacional.

Descarregando o insulto e a ameaça contra ele, a "democracia" francesa dos redatores de política dá seu arto a todos os estrangeiros: todos os revolucionários. Com golpe sensacional, se desmascara o seu plano. A imprensa se entrega a uma pseudo-campanha de "revelações" sobre a nossa organização e a nossa imprensa, quando há já quatro anos que lutamos abertamente de frente erguida, e que hoje, precisamente, publicamos o número 203 da Vértice por essa forma uma verdadeira atmosfera de conjuração foi criada.

Melamos orgulhosos pelo fato de, ao dia seguinte da crise de Fevereiro, ter sido sobre nós que um tal golpe foi descarregado. Le-de as colunas íntimas do Journal, do Jour, de Matin (tudo se desbaratou espontaneamente sobre a nossa atividade em Fevereiro, serem os dentes diante da fúria de nossos palavras de ordem, diante de nossos previdos e denúncias, diante de nossa propaganda pela Aliança Operária (Nova Aliança) e pela Milícia Operária. Essas farsas de guerra civil nos acusam de Fervoroso; e da garfú de elite, publicamos uma brochura revolucionária sobre os acontecimentos de Fevereiro e o seu efeito. Não tiramos qualquer proveito an-

lógica de dorreta da Alemanha. Nós aproveitamos com a organização da frente de 1.ª Internacional. Nos trabalhos pela constituição da IV Internacional, isto é, pela organização dos partidos novos na base dos primeiros congressos de I. C. (1919-1923), foi a tática de Marx e de Lênin. Nós deixaremos a política de Stalin e de Jonhauz essa mesma política à admiração do senhor Halby (com o qual, no Brasil, nós deixamos essa mesma política à admiração do senhor Maurício de Medeiros e Góes Monteiro N. R.).

O camarada Trotsky, com cujo pensamento e cuja ação, estamos totalmente solidários, não tinha a possibilidade de participar diretamente do movimento revolucionário: tal foi precisamente um dos objetivos de Stalin ao expulsá-lo da U. R. S. S. A "democracia" francesa é apenas um mito: dura para os revolucionários, completamente para os carrascos monárquicos, os Müller e os Afonso 13. Por tudo isso, a atividade do nosso camarada era principalmente virada para os trabalhos históricos, que constituem uma contribuição imensa à teoria revolucionária e, em geral, à cultura humana.

Ela a realidade. Nada disso impediu que, para realizar o seu plano, a imprensa tivesse que abrir o olho sobre a IV Internacional. Tal é a dialética da história: a imprensa mundial vê-se forçada a interessar-se por esse pequeno órgão desprezível, a provocação desta imprensa estrangeira em torno de nós a simpatia dos proletários. Cada leitor de nos-

trotsky, que trazia ao proletariado francês o chamado de guerra. A ao jornal, cada combatente, cada combatente, cada amigo de nossa causa sentirá a uma conluja escarbor. Ideias como essas, que acusaram contra Stalin o ódio contra o Estado-burguês, do rotinismo e do contrito, e que, apesar de todas essas múltiplas repetições, chegam até à consciência das massas, são inventíveis. Os nossos pobres meios só nos têm permitido colar algumas centenas de cartazes de vender alguns milhares de brochuras: mas é aos milhares que a imprensa acaba de difundir na nossa palavras de ordem. Lênin, já uma vez, em 1920, arrastou a Churchill (o ministro da fazenda, membro eminente do partido conservador da Inglaterra, chefe da ala direita) pela publicidade por feita das palavras de ordem bolchevistas, abatidas atrás do "cordão sanitário".

Tudo isso barulho não nos distrairá da nossa tarefa do momento. Protestamos contra a segunda expulsão de Trotsky do território francês. Constatamos todos os trabalhos e a compreensão que, se eles não reagirem, era uma vez o "direito de não", a brecha aberta. Protestamos contra as notícias canalhas da imprensa burguesa!

Continuamos a sustentar firmemente e bem alto a bandeira da IV Internacional, a bandeira da vitória final!

(De "La Vértice", n.º 202, 20 de Abril de 1934)

A oficialização sindical e a crítica adversária

A Federação Operária, com os seus anarquistas, a Federação Sindical Regional e o ex-Partido Comunista, com os seus stalinistas, e a Associação dos Empregados do Comércio, com os seus almodadinhos constitucionais, vêm pretendendo "criticar" a atitude da U. T. G. e do Sindicato dos Profissionais do Volante em face da lei de sindicalização. Como se sabe, essas organizações operárias, continuando fiéis ao princípio da sindicalização livre, resolveram continuar também ligadas aos operários e, para isso, pedir a sua oficialização ao Ministério do Trabalho. Os anarquistas, os stalinistas e os comerciantes não quiseram, por sectarismo estúpido, ou não puderam, por burrice, compreender essa medida puramente tática. Eles não entenderam que a própria massa, que iria, uma vez abandonada por sua vanguarda, servir de instrumento, nos mãos dos seus dirigentes, do Ministério do Trabalho, irá, ligada a uma vanguarda revolucionária, retpor a lei de sindicalização e não sómente, como fazem aqueles senhores, gritar contra ela.

Anarquistas, stalinistas e comerciantes estão indignados porque, não tendo querido renunciar ao seu sectarismo cego, sabem que vão morrer. Foi a nova Lei de Périas, não dando direitos aos trabalhadores sindicalizados oficialmente, que veio pôr à prova a resistência orgânica das pequenas seitas e a inteligência dos seus corifeus. E os fatos, sempre taismos vieram mostrar, mais claramente ainda, não só para nós, como para toda a classe operária, que essa gente não onagra um palmo adiante do nariz. A burguesia dominante só teria que ouvir com seus primeiros resultados, se não existissem também, para destruição sua e felicidade dos operários, homens que sabem encara a realidade de frente e se encontram preparados para apagar o golpe. Mas, não vamos discutir de novo essa questão. Nós queremos aqui examinar aqui certos aspectos da crítica dos nossos impagáveis opoitores.

Os anarquistas se limitam a fazer ironias grosseiras, ao gosto de sua noçada imbecilidade, e a dizer que, seja qual for a atitude de classe operária em péso, eles continuam apertados ao pau de sua bandeira. O que sobretudo não admitem e a tática, que para eles é o al-público de bracha. Não querem a tática, para ficar com os princípios a fazer-lhes aquela gostosa formulação dentro da cabeça, não é verdade? Esqueçam-se, talvez, das miríades de palavras que tiveram com o general Ludomiro de Lima e dos charutinhos que este lhes oferecia aos intervalos. Charutos serão princípios? E as visitas do dentista Avrelino ao general Góes Monteiro? E os entendimentos com

mícios da Federação Operária? E os conchavos feitos outrora com a Legião Revolucionária do general Miguel Costa? Estalineiros do inferno adido em que isso não seja tática. Mas... serão princípios? Será isso a decantada ação direta? Não deixa de ser uma ação direta, mas exclusivamente no sentido de terem os senhores anarquistas agido diretamente contra o Estado da burguesia.

Os comerciantes descararam intencionalmente para o terreno da delação policial e lançaram um manifesto, dirigido à Assembleia Constituinte, no qual "reclamam que a oficialização da U. T. G. não significa uma passagem da extrema esquerda para a extrema direita, mas um plano subversivo dos bolcheviques Sem comentários.

Restam os stalinistas, aí para eles, a U. T. G. não é um sindicato operário, mas (Costa Ferreira apura o ouvido) uma organização "trotskista". Falam nos dirigentes "trotskistas" da U. T. G. Isto é: uma mentira desaudada e uma infame atitude policial. O jornal Nossa Voz, feito por alguns lupo-bucrocratas do Partido Stalinista que pretendem passar por empregados da indústria hotelaria, afirma coisas insuportáveis, lance calúnias inveríveis e nos denuncia à polícia, tudo em nome da... revolução operária e camponesa. E' explicável? Nossa Voz é sustentada pelos fabricantes do bebidas de São Paulo. São os próprios stalinistas que confessam quando fazem aos garçons um caloroso apelo no sentido de recomendar os produtos anunciados no jornal: FAZEM A PROPAGANDA DOS PRODUTOS AQUI ANUNCIADOS! AJUDAR A QUEM NÃO AJUDA!

Credidamente, toda essa corja não vale a milionésima parte do tempo que com ela se perde.

O movimento sindical no Brasil

(Continuação de 4.ª pag.)

que a burguesia não deixou ainda formar para si uma burocracia sindical operária facilmente manobrável e uma vez que as condições objetivas da situação favoreceram o aprofundamento dos conflitos entre o Ministério do Trabalho e os sindicatos oficializados, tudo leva a prognosticar que, si a vanguarda revolucionária souber agir em tempo e orientar-se por uma política justa, servida por uma tática consequente, haverá uma transformação radical, num futuro relativamente próximo, de todo o aparelho sindical oficializado. Por enquanto, todos os acontecimentos não têm feito ainda ilustrar brilhantemente a justiça dessa prognóstico.

Manifesto dos Comunistas Internacionais ao Proletariado Mundial

(Continuação da 1ª pag.)

milícia operária é a única arma na luta contra os bandos fascistas, que serão inevitavelmente auxiliados pela polícia oficial.

Mas, a milícia operária não é feita para paradas e representações teatrais (Amsterdã, Ploze), mas para a luta rigorosa. A milícia operária é e sempre será o proletariado. Por um olho, dois olhos. Levá-lo a guerra até o fim, até o esgotamento e até o extermínio. Não permitir que o inimigo fascista vença a esborda. Perseguido até o fim.

Na França, um começo de organização de frente única entre os partidos e sindicatos operários, na de envolver, graças à iniciativa proletária, por este caminho.

A greve geral em França do 13 de Fevereiro foi um aviso impressionante, mas não mais. Tendo sentido o perigo, o inimigo dobrou, triplicou, decuplicou seus esforços. Os operários de França, como os de todo o mundo, só poderão manter as suas posições e conquistar novas, através de combates heróicos.

A defesa revolucionária deve tornar-se a grande escola da ofensiva. Os operários de França nutriram no seu sangue, ainda não se agoua a flâmula da revolução que a Comuna de Paris velou corar. Mas está apenas à luta, não basta, como ficou demonstrado com o exemplo da Austría. É preciso habilidade, é preciso organização, é preciso um plano, é preciso um estado-maior!

A 13 de Fevereiro, o dia da greve geral e de demonstrações monstruosas, os operários da França impuseram, durante 24 horas, a frente única aos dois aparelhos burocráticos. Mas isso foi uma improvisação, e para vencer é necessário organização.

O aparelho natural da frente única nos dias do combate, a representação proletária, os deputados das fábricas e dos ofícios, dos bairros operários e dos sindicatos: os soviets. Antes de se tornarem árduos do poder, os soviets são de aparelhos revolucionários da frente única. Nos soviets honestamente eleitos, a minoria se submete à maioria. É para lá que conduza a lógica imperiosa da luta. É nesse sentido que se devem orientar, conscientemente, todos os esforços.

Na arena histórica, é chegada agora a vez da França proletária. Na França, decide-se de novo a sorte não só na França, como também da Europa, e, afinal de

contas, do mundo inteiro. Si o fascismo conseguisse abater o proletariado francês, toda a Europa se tingiria de preto. Em compensação, a vitória do proletariado francês, nas condições atuais, deixaria atras de si, pela sua importância histórica, até mesmo a vitória de Outubro levantada pelo proletariado na Rússia.

OPERARIOS DO MUNDO INTERIO!

Estando, implacavelmente, contra a vossa própria burguesia que poderia auxiliar, do melhor modo e mais seguramente, o proletariado francês. Além disso, aqui, também, das organizações francesas a sua união na luta Revoluçã, sob o fogo do inimigo, os mais intrépidos, os mais clarividentes, os mais devotados e firmes com atos e destacamentos da Quarta Internacional.

Constitua e conduza a luta às massas dos trabalhadores, do empregado e dos desempregados! Partida em todas as organizações! Explicar, despertar, reunir! Não perca um dia, nem uma hora sequer!

Pela inviolabilidade das organizações proletárias e da imprensa proletária!

Pelos direitos democráticos e as conquistas sociais do proletariado! Pelo direito principal — o de ter um pedaço de pão!

Contra a reacção! Contra o regime policial bonapartista! Contra o fascismo!

Pela milícia proletária!

Pelo armamento dos operários! Pelo desarmamento da reacção!

Contra a guerra — Pela fraternização dos povos!

Pelo derrochamento do capitalismo!

Pela ditadura do proletariado! Pela sociedade socialista!

PROLETARIO DO MUNDO

A PRIMEIRA INTERNACIONAL vos deu um programa a uma bandeira da SEGUNDA INTERNACIONAL levantou o organito grandes massas. A TERCEIRA INTERNACIONAL deu um exemplo de acção revolucionária audaz. A QUARTA INTERNACIONAL vos dará a vitória mundial!

O Plano do Secretariado Internacional da LIGA DOS COMUNISTAS INTERNACIONALISTAS (Bolsheviks-Leninistas).

análogo o conceito que ambos têm da democracia burguesa: o fascismo identica-se com o comunismo, o stalinismo identica-se com o fascismo. A principal diferença de forma não altera o conteúdo: reforçar a dominação da burguesia, anular a acção do proletariado. A democracia de ambos ao desenvolvimento da luta, acaba por se reduzir, afinal, ao mesmo denominador: fascismo.

Para atingir esse resultado, o processo da operação é muito simples: chamando a democracia de comunismo, os fascistas conseguem induzir a classe dominante; chamando-a de fascismo, conseguem os stalinistas "demonstrar" a perfeita inutilidade da luta preventiva (política de capitulação: Brüning e Hitler).

Os métodos de agressão física, de terrorismo individual, de insultos e

Os que de fato não lutam contra a reacção e o facismo

Há uma diferença prática, entre outras muitas de natureza teórica, entre o militante comunista e o militante stalinista. O primeiro serve o movimento operário, segundo os métodos revolucionários, em todas as suas manifestações e em todas as circunstâncias sabendo conservar sempre, com uma linha de princípios inspirada na luta de classes, a elasticidade de inteligência e o realismo materialista que lhe permitem mudar, com as mudanças de situação, a sua táctica de luta. Isto é marxismo e a metodologia leninista que lhe ensinam.

O segundo, o stalinista, serve antes do mais nada a seu amo e senhor Stalin, chefe de uma burocracia estatal que se diz revolucionária, mas cujos instintos de conservação são muito fortes. E luta contra os interesses reais de todo e qualquer movimento operário.

Não espanta, pois, que uma misteriosa Federação que ninguém não viu e não vê, uma Federação que se intitula "Sindical" e, mais ainda, "Regional de S. Paulo", tenha aparecido com um vasto manifesto de "França antes de tudo" e "oprimidos e oprimido". Mostra a reacção e o fascismo e, assumindo valentias "os dirigentes trotskistas da U. T. G."

Afinal, qual foi o horrível pecado desses chamados "dirigentes trotskistas"?... Diante do decreto n.º 23.678, tornando obrigatório para o reconhecimento das fábricas, a filiação do operário pelas organizações sindicais, o "não sindicalizado" ou que "não pretendem sindicalizar-se".

Berli precisa mesmo uma grande inocência para acreditar que a Federação das Indústrias tinha tomado a defesa dos operários não-sindicalizados, nome pelo qual designava os operários organizados em sindicatos não reconhecidos pelo Ministério do Trabalho e não reconhecidos também pelos próprios industriais.

A U. T. G. redigiu um projeto de memorial para ser apresentado a uma assembleia — sugerida por ela mesma — de todos os sindicatos livres de S. Paulo, em cujo numero se encontrava. Nesse projeto de memorial dirigiu-se aos Industriais, usando entre outras das mesmas expressões que antes usavam na sua representação ao governo: "situação de desigualdade", "operários não sindicalizados", "sindicalizados", "inconvenientes", etc. (1).

E propunha aos patrões: façamos um acordo direto, independente do Ministério do Trabalho. Os vrs. Industriais nos reconhecem, a nós sindicatos livres, que angostamos grande parte dos operários não-sindicalizados" ou que "não querem sindicalizar-se", para o efeito do pagamento regular das férias instituído pelo Decreto n.º 23.678. Assim desarmamos os "invenientes", mas como temos uma certa experiência do mundo, exigimos que esse acordo entre patrões e empregados, para que tenhamos a certeza de que não haverá acção contra os vrs. Industriais, seja o seguinte:

Este o verdadeiro sentido do projeto de memorial redigido pela U. T. G.: explorar e desbaratar a

de cadências, usados como áncora de cursos de agitação e de propaganda, encontram em toda a atividade do fascismo e do stalinismo. O rebatimento da dignidade humana, a ausência total de compotura e de caráter, — são os frutos que ambos conseguem colher no campo apodrido e infecto de sua existência política.

Seria absurdo, evidentemente, concluir de tudo isso que o stalinismo e o fascismo são uma só e mesma coisa e que, neste caso, os stalinistas não passariam de... "social-fascistas". Mas, mais do que um absurdo, seria um crime contra os interesses da classe operária não denunciar os traços comuns desses duas tendências e a que elas representam na história da luta de classe internacional.

FREDERICO.

Em caso das férias, entre os industriais paulistas, por seu órgão de classe, e o governo, pelos seus órgãos "trabalhistas".

O projeto de memorial não foi aceito por todos os demais sindicatos livres de S. Paulo, na maioria dominados pela praga anarquista, e entre os quais — é interessante constatar o fato — não se encontrava a Federação Sindical Regional de S. Paulo, que, pelos modos, vive em lugar incerto e não sabido.

A U. T. G. então declarou que não querendo agir isoladamente junto aos patrões — o que significava a morte de sua proposta — iria sindicalizar-se, isto é, pedir o seu reconhecimento ao Ministério do Trabalho. Continuava em princípio pela sindicalização livre, julgando-nos já bastante contentes com a defesa da classe dos trabalhadores. E, uma vez reconhecida, continuaria a sua luta contra o Ministério do Trabalho, aliando-se com os demais sindicatos "oficiais" — que compreendem a absoluta maioria dos operários organizados do país, precisamente os das indústrias, mais importantes — para a promoção de uma reforma da chamada lei de sindicalização.

E a U. T. G. fez o que disse, querendo o seu reconhecimento ao Ministério do Trabalho. O seu "tournaunt" sindical é de um grande alcance, tanto que alguns dos seus sindicatos até há pouco dominados pela política caudillesca do stalinismo e pelo "apolitismo" obtusos dos anarquistas. E, uma maneira, esse "tournaunt" de dar um tiro na divisão mortal do movimento sindical do país. A atitude da U. T. G. é a mais louvável deste mundo, pois que, dando oportunidade e organização de uma grande parte da população gráfica que se achava fora do seu próprio sindicato — os trabalhadores dos jornais — que tinham por a sindicalização, a opção para o seu ingresso na U. T. G., ao mesmo tempo cria as condições favoráveis para a formação de um verdadeiro organismo federativo da massa sindicalizada no país.

A atitude da U. T. G. é tão justa e leniente, que não podia mesmo ser aprovada pelos stalinistas e anarquistas, cujo parentesco ideológico, aliás, é muito grande, por mais paradoxal que isto pareça. Os pritos históricos e impotentes desses grupelhos não nos interessam. Eles sabem, por instinto e não por reflexão, que a unidade no movimento sindical do país, tão necessária e útil para não dividir e enfraquecer as forças proletárias, representa a morte e o esfacelamento das suas "ponelas".

Mais duas palavras sobre o manifesto stalinista da Federação que se diz sindical. Ele acusa os "dirigentes trotskistas" de concorrerem para a "facilitação do movimento operário". Mas nós perguntamos: quem foi que concorreu para a vitória de Hitler na Alemanha, fugindo vergunhosamente da luta e tratando miseravelmente o proletariado mundial? Quem foi que abandonou o proletariado austríaco à sua própria sorte, numa luta de desespero e de morte? Quem foi que, em Paris, fez frente única com a direita, com os fascistas de "L'Action Française", de Tardieu e de Coty, nas batidas de rua do ferrete-trotsky? Quem foi que, depois de se aproximar da burocracia soviética do governo francês e da política da Sociedade das Nações, pediu a expulsão do camarada Trotski da França? Quem foi que, até mesmo no Brasil, holocausto stalinista, mente a Frente Única da luta contra o fascismo, entregando para a mesma uma desorganizada e depois

trafando os seus compromissos, quando viu que os seus desígnios inconscientes não se realizavam? Quem foi? Quem foi? Que o proletariado responda.

(1) Os stalinistas do manifesto dão uma mostra de sua boa fé, de seu amor à verdade e dos seus procedimentos de política ao atribuírem as expressões dos industriais, usadas pelo projeto de memorial da U. T. G. contra a misteriosa Federação das Indústrias, como expressões originárias dos "dirigentes trotskistas". Isto seria espantoso, se não descobríssemos de que são capazes certos burocratas compromissos e em defesa, pelo de causa.

O movimento sindical no Brasil e as suas perspectivas revolucionárias

Especialmente elaborada para atender os conflitos de classe por meio de subordinação do proletariado ao aparelho do Estado, que seria o árbitro supremo nas pendências surgidas entre o patronato e as massas laboriosas descontroladas, a lei de sindicalização leninista, ao revelar, logo de início, os seus objetivos fundamentais contra-revolucionários, manifestou também, muito mais depressa do que se poderia prever, a sua impotência e a sua fraqueza. Os conflitos de classe não se acenaram, mas, ao contrário, tornaram-se mais extensos e mais profundos. A ação "mediadora" do Ministério do Trabalho não tardou a mostrar a uma chamada bastante ponderável de classe operária o seu sentido mistificador e reacionário em cada conflito surgido. O papel do Estado a sua função na sociedade passou então, a tornar-se clara, não sómente para uma massa dulta de elementos de vanguarda, mas também para as massas sindicais que nunca haviam existido, sequer, antes da lei de sindicalização, em lugar de serem os instrumentos servis da vontade da burguesia dirigente, principiaram a voltar-se contra ela. Não foram raros os casos em que, em vários pontos do país, as organizações operárias ministerializadas se insurgiram contra o "seu" Ministério, chegando mesmo algumas, a desenvolver-lhe a carta de oficialização. Assim, no livro do magnífico, fustigado e apontado ao peito de classes dos trabalhadores saíram, quasi todos, pedras. A lei de sindicalização foi se tornando aos poucos bem contra a vontade dos seus idealizadores, bem contra os seus planos e os seus objetivos finais, um poderoso canalizador de desconhecimentos de classe.

Enquanto isso, a sindicalização livre ficando, cada vez mais, condenada a não passar de um fantasma. Em São Paulo, principal centro industrial do país, só tinham verdadeira consistência os sindicatos formados sob a égide da lei. E, si a Federação Sindical Regional não passa, hoje, de um rótulo com fins demagógicos e sectários, a Federação Operária, dirigida pelos anarquistas, continua a ser um desolador esqueleto. Quanto aos sindicatos independentes, que até aqui se vinham dando ao luxo de uma "sindicalização livre" puramente formal, ou procuram, para continuar a existir, o baço de origem da oficialização, ou desaparecem de uma vez para sempre, quando não continuam a viver apenas como a expressão grotesca da teimosia de meia dúzia de fanáticos sem futuro para quem a luta de classes se reduziu ao simbolismo estéril de uma valha banal.

E' única e exclusivamente o amor agraço a esse simbolismo demagógico que explica o fato de anarquistas e stalinistas preferirem abandonar a massa à sua própria sorte, não atender ao seu apelo à luta e permanecer na confusão de um palavreado indolente, estruchuchando em torno do pau de um estandarte, si é que os meios o sustentam.

A lei de sindicalização jamais será revogada, ou reformada no que tem de mais reacionário, si a força do proletariado, organizado como classe, não se fizer sentir em toda a sua plenitude, só no grande aparelho sindical operário, livremente constituído e livremente funcionando, será capaz, não só de revoar a lei de sindicalização, mas de reverter a direção dos seus objetivos imediatos. Esse aparelho não existe, como não existe antes, mas poderá ser criado precisamente como consequência direta do seu fortalecimento. (Continua na 2ª pag.)

Facismo e stalinismo

Pela teoria do "social-facismo", pretendem os stalinistas, com uma solene estapidez, demonstrar que não existe diferença entre o facismo e a democracia. Já sabemos quais foram os desastrosos resultados dessa política no mundo inteiro, e, particularmente, na Alemanha, onde equivalia a uma palavra do onice equívoco a uma palavra do diabo. Não fomos, aqui, discutindo de novo essa questão, de recto ultraliberalizada pela detrocada fragorosa, se volta, afinal, contra os seus próprios, em sua seguida se abstram para a preparação de uma IV Internacional. O fim deste artigo é mostrar como, embora situados em campos opostos, mas correspondendo a uma mesma situação histórica, o facismo e o stalinismo representam duas tendências políticas reacionárias que, por assim dizer, se combinam para alcançar o mesmo objetivo fundamental: impedir a tomada de uma vitória do proletariado sobre a burguesia. Veremos, então, como a teoria do "social-facismo" se volta, afinal, contra os seus próprios torçadores, não para libertá-los do facismo e do stalinismo, mas precisamente para indicar as diferenças essenciais existentes entre essas duas tendências, quando realizam, respectivamente a política de não direita e a política de não esquerda da classe dominante: o facismo, de um lado, recrutando as suas forças na pequena burguesia, age em nome dos interesses do capitalismo financeiro; de outro lado, o stalinismo, recrutando as suas forças nas camadas desorganizadas da classe operária (desempregados), do artesão e do imprevidente, age em nome dos interesses do auto-conservação da burocracia da I. C. e, mais particularmente, da burocracia soviética.

Facismo e stalinismo se caracterizam, antes de mais nada, por um nacionalismo pequeno-burguês exacerbado; com a diferença de que, num caso, se trata da pátria do cada burguesia nacional, e, no outro caso, da pátria da burocracia soviética e do seu Sumo Pontífice, Stalin. Nas fileiras da I. C., o conceito revolucionário de pátria dos trabalhadores que, teórica, prática e psicologicamente morto. Enquanto os comunistas-internacionalistas vêm na U. R. S. S. os ratos de um Estado operário que é preciso defender, os stalinistas se entregam à cantada monolítica de Stalin, Molotov & Cia.

Outro traço comum ao facismo e ao stalinismo é o dogmatismo de suas fórmulas políticas e a intolerância verdadeiramente religiosa que tanto os aproxima dos partidários da Igreja Católica Apostólica Romana. Nesse particular, aliás, é curioso notar a veneração mística de ambos por tudo quanto há de exterior, do meramente simbólico: a cor da bandeira, o distintivo, as insígnias do partido, o hino. O fanatismo pelos chefes, sempre instaláveis, sempre intocáveis e também outra forma sob a qual se apresenta, não raro, esse sectarismo foderento de acrístias.

A inadmissibilidade da frente única como táctica de luta acenuta, tanto no facismo como no stalinismo, o seu caráter de castas fechadas, sujeitas a uma disciplina de convento. Na prática da luta diária, não é a disciplina de homens conscientes do seu papel e que se verifica, mas a disciplina dos que se verba, segundo a fórmula "disciplinado como um cadáver" dos frentistas da Companhia de Jesus.

Na fanatismo e no stalinismo, é